



RESENHA

## CAMINHOS PARA A IDENTIDADE DO SURDO

*Kathryn Marie Pacheco Harrison* \*

### *O surdo – Caminhos para uma nova identidade*

Maria Cecília de Moura  
São Paulo, Revinter, 2000

Este livro, recente lançamento na área da surdez, merece atenção de todos que se interessam pelo tema, no mínimo por duas razões principais: a quantidade e a qualidade dos dados históricos e das discussões que propõe.

Na introdução, o leitor pode acompanhar a trajetória da autora e é apresentado às inquietações e dúvidas que a determinaram, assim como a uma no-

---

\* Fonoaudióloga, mestre em Distúrbios da Comunicação pela PUC-SP, atualmente diretora de clínica da DERDIC – PUC-SP, e professora da Faculdade de Fonoaudiologia – Departamento de Clínica, da PUC-SP.

menclatura incomum para alguns. Por que a autora usa surdo e Surdo? O que vem a ser Comunicação Total, Bilingüismo? A que se refere “sujeito emblemático”? A resposta a estas indagações iniciais virá no decorrer do livro, sempre acompanhada de um posicionamento claro a respeito de cada item desenvolvido.

A obra tem como ponto central a história de vida de um adulto Surdo (usando a nomenclatura da autora). Há alguns problemas a se enfrentar: como colocar no papel a entrevista, dada em Língua de Sinais? Como transcrever uma língua que tem uma gramática e uma materialidade (visó-espacial) tão diversas das línguas faladas? As soluções encontradas foram interessantes.

Em um primeiro momento, o tratamento que a pesquisadora deu ao material gravado em vídeo foi nos contar a história da forma como ela a escutou, fazendo algumas observações sobre o que levou Ricardo a viver suas experiências desta determinada maneira. Para a compreensão do que está em jogo na história que lhe foi contada, a autora trabalha com os conceitos de diferença (o surdo como diferente) e de perigo (a diferença como ameaça), segundo Goffman, um dos vários autores em que se apóia.

É a partir desta história que começamos a entender como Ricardo, nascido surdo, se torna Surdo, aos 19 anos, e a sua luta atual para que outros surdos possam ter acesso à Língua de Sinais e a uma educação mais efetiva desde pequenos, construindo uma história diferente para si.

Em outro momento do livro, Ricardo, o sujeito emblemático, nos conta sua história. O tratamento dado ao material foi o de tentar preservar ao máximo a estrutura da Língua de Sinais Brasileira, o que pode causar estranheza ao leitor. De qualquer maneira, é um relato que nos aproxima da história de Ricardo, semelhante às histórias que se ouvem de outros Surdos e, ao mesmo tempo, distante, pelas possibilidades que Ricardo foi construindo para si e para outros a partir do convívio com uma família Surda, conhecedora da Língua de Sinais e, o mais importante, que tinha uma visão dos Surdos e da surdez diferente da visão de patologia.

O capítulo “Algumas considerações sobre a surdez e o indivíduo Surdo numa perspectiva histórica” nos oferece uma longa e profunda discussão teórica. A adaptação da tese de doutorado tornou-o, talvez, muito longo. Se fosse desmembrado em quatro capítulos, de acordo com os quatro temas centrais: a história

dos Surdos através dos tempos, as linhas de trabalho com os Surdos, a educação dos Surdos no Brasil e a Lei brasileira e o Surdo, a dinâmica de leitura, seria beneficiada. De qualquer forma, não desmerece o conteúdo, que é muito rico.

O entendimento que a autora tem sobre história parte do pressuposto de que a história de uma pessoa pode refletir a história de outras pessoas, assim como a história social e política reflete uma realidade em um dado contexto, o que afeta tanto a história de vida das pessoas, como a de um indivíduo, através do tempo. Assim, o que os Surdos vivem hoje também é fruto daquilo que outros Surdos viveram na história.

Na parte da história dos Surdos através do tempo, podemos aprender sobre fatos de uma história desconhecida para muitos, que nos é oferecida a partir de um trabalho de “garimpagem” em uma bibliografia elaborada por Surdos. É a história contada por quem sofreu os efeitos dos diversos movimentos realizados por educadores ao depararem com a surdez.

Este levantamento parte das idéias sustentadas por gregos e romanos a respeito da surdez e das pessoas Surdas antes de Cristo, quando não havia sustentação científica para tais idéias, e chega aos dias atuais, quando há inúmeros dados estatísticos e trabalhos científicos publicados. Apesar disto, vemos que muitas das idéias, ao longo do tempo, vão e vêm, dependendo de interesses muitas vezes alheios aos interesses dos Surdos, e que, até hoje, várias idéias errôneas permanecem, apesar das evidências em contrário. Tal constatação corrobora a afirmação da autora de que a educação está intimamente ligada a uma “ideologia, que determina a forma de ser e de viver de toda uma comunidade”. Lança a seguinte pergunta: as dificuldades são causadas pela surdez ou são causadas pela forma como é pensada a educação? De forma coerente, a autora não se furta de expor claramente suas convicções e a ideologia por trás delas.

Para auxiliar na compreensão de como estes dados históricos se refletem nas práticas de educação e reabilitação dos Surdos, há a descrição e análise das diversas linhas de trabalho com pessoas Surdas ao longo do tempo, as diferentes abordagens dentro do Oralismo; as pesquisas comparativas entre os alunos surdos filhos de pais surdos (FSPS) e os alunos surdos filhos de pais ouvintes (FSPO), em que se constatou que o acesso à Língua de Sinais era o diferencial para o

melhor desempenho das crianças surdas filhas de pais surdos usuários da Língua de Sinais nas áreas acadêmica, social e emocional.

Assim, apreendemos que foram estas pesquisas que deram início ao movimento da Comunicação Total, nas suas diferentes formas, em algumas das quais se criaram sistemas para representar visualmente a língua oral. Podemos perceber, também, que a Comunicação Total evolui para a comunicação bimodal, hoje utilizada em algumas escolas especiais para Surdos no Brasil, e que é bastante semelhante ao método combinado utilizado por L'Eppé, no século XIX!

A autora nos atualiza nas discussões que levaram ao Bilingüismo dos Surdos, que questionaram os métodos combinados, por não considerarem a Língua de Sinais como uma língua completa e adequada para ser utilizada na educação. Através do texto tomamos conhecimento das experiências que ocorreram e estão ocorrendo no Bilingüismo, bem como das concepções que foram assumidas neste percurso e da importância do movimento multicultural que lhe deu origem e o sustenta.

Sem dúvida, são informações apresentadas de forma organizada e clara e que constam de poucos currículos da formação universitária no Brasil. A isto se junta o fato de a autora fazer uso das teorias da psicologia social, o que dá uma dimensão mais ampla da questão das diferenças e de como a sociedade lida com elas.

Nos dois tópicos restantes, há um relato do início da educação especial para Surdos no Brasil de forma institucional, com a criação do INES (Instituto Nacional de Educação de Surdos) no Rio de Janeiro, das mudanças por que passou nas suas diversas fases, que reproduzem, em nosso país, a história relatada anteriormente ao redor do mundo. Faz uma síntese dos serviços educacionais para os Surdos, tanto particulares como públicos. Na seqüência há a exposição de como os surdos são considerados na lei brasileira: como incapazes. Mas a autora abre algumas possibilidades de se mudar esta situação, tanto por parte dos legisladores, dos estudiosos, como dos órgãos de representação dos Surdos.

No capítulo final, a autora nos oferece suas reflexões a respeito da história que nos contou, relacionando-a às histórias de outros Surdos, tentando mostrar que há como compreender a surdez a partir de outro referencial, em que a língua

e a comunidade têm um papel crucial na formação de uma identidade íntegra, de Surdo.

Durante a leitura de toda a obra, me impressionou a firmeza de posicionamento da autora. Radical? Tendenciosa?

Refletindo sobre o lido, chego à conclusão de que seus objetivos eram trazer questões para que os leitores pudessem pôr em dúvida algumas de suas certezas, oferecer um referencial teórico diferente do utilizado ao se discutir a surdez e se posicionar de uma forma coerente com o que viveu, vive, estuda e a forma de considerar as pessoas com quem trabalha.

Vale a pena a leitura.